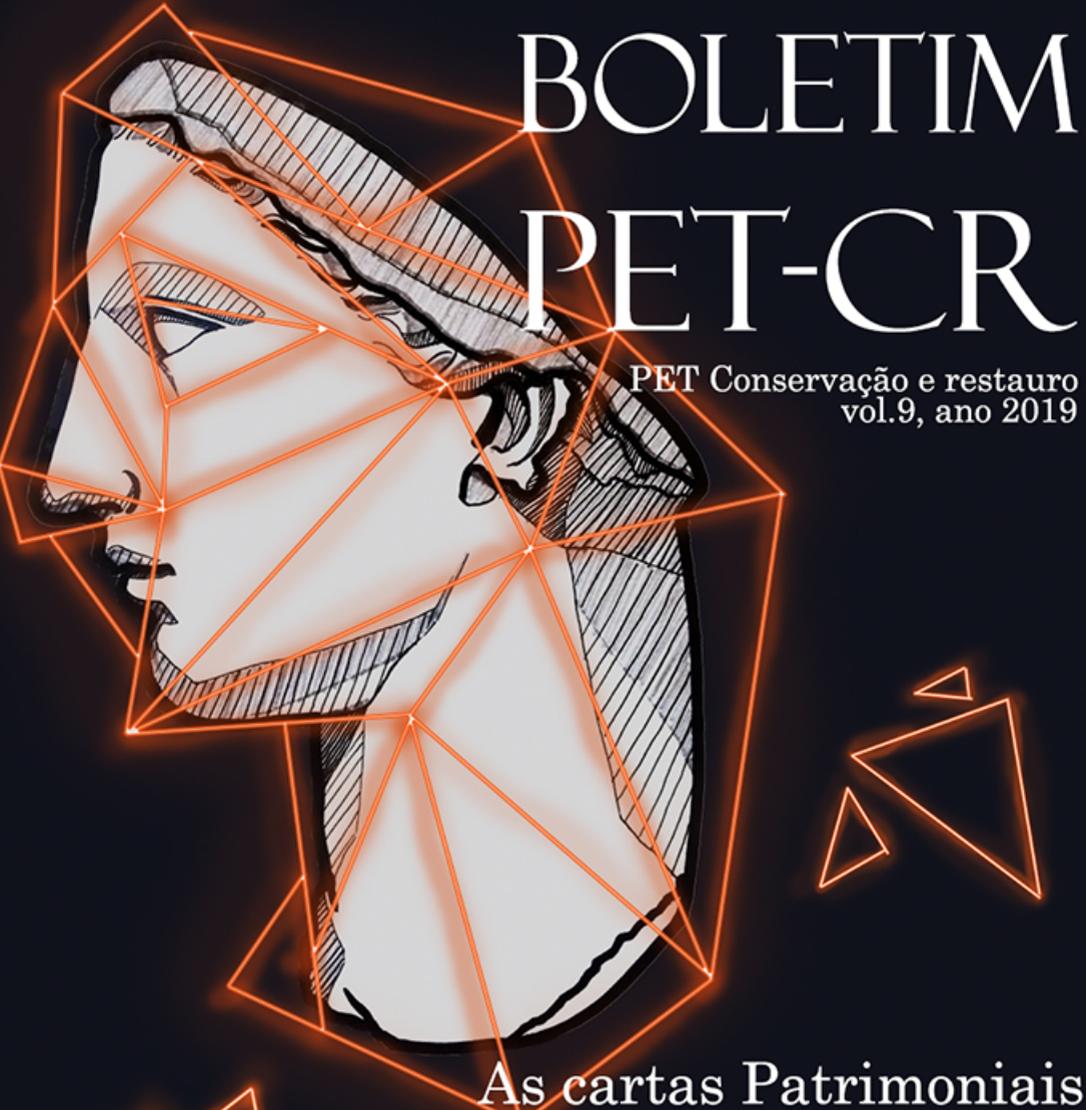


BOLETIM PET-CR

PET Conservação e restauro
vol.9, ano 2019



As cartas Patrimoniais

Digitalização Bibliográfica

Estágio no Museu
Antropológico Dir. Pestana

Relato de participação no
XXII SulPET

SUMÁRIO

VOL 9, ANO 2019

EDIÇÃO

Ana Carolina Fernandes e

Carolina Nagata

REVISÃO

Daniele B. da Fonseca

ARTE

Carolina Nagata

03 MATÉRIA As Cartas Patrimoniais

05 MATÉRIA Digitalização Bibliográfica

07 RELATO Estágio no Museu Antropológico

Diretor Pestana (Ijuí/RS)

10 RELATO Participação no XXII SulPET

PET  Conservação e Restauro

PET- Conservação e Restauro

R. Almirante Barroso 1202, sala 310

(Campus II- ICH) Pelotas/RS- 96.010-280

DIGITAL

<https://bit.ly/2wiD49f>

<https://bit.ly/2SoW5iD>

<https://bit.ly/39v1BGc>

CONTATO

petconservacaorestauro@gmail.com

PETIANOS

Bolsista Ana Carolina Fernandes

Bolsista André Gasperi

Bolsista Bruna Gentil

Bolsista Carolina Nagata

Bolsista Caroline Meller

Bolsista Cicero Thiago Baltazar

Bolsista Clara Ribeiro

Bolsista Hugo Barreto

Bolsista Marina Alves

Bolsista Milene Sequeira

Bolsista Nikolas Moura

Bolsista Pétrya Bischoff

Bolsista Sandra Oliveira

TUTORA

Prof.ª Dr.ª Daniele Baltz da Fonseca

EXPEDIENTE

O BOLETIM PET-CeR é uma publicação semestral do Grupo de Educação Tutorial do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas. Objetiva ser um veículo de ações do grupo, voltadas para o fomento das experiências acadêmicas no campo do Patrimônio Cultural e para a divulgação da profissão do Conservador-Restaurador. São autores dos números, integrantes do grupo e convidados. Textos de outros autores poderão ser publicados se estiverem de acordo com o escopo da publicação. Propostas de colaboradores podem ser enviadas para o e-mail do grupo (petconservacaorestauro@gmail.com)



JANEIRO DE 2020

EDITORIAL

É com grande estima que o grupo PET produz seu nono Boletim! O ano de 2019, foi de grandes começos despedidas e de muito estudo. Iniciamos esse momento agradecendo a presença de todos os alunos em nossos eventos e a participação de todos os petianos em produzir esses momentos. O primeiro texto desta edição nos traz a reflexão sobre a importância da Carta Patrimonial de Nara, e como esta influenciou a salvaguarda do patrimônio mundial.

Em consequência, contamos com a apresentação da digitalização bibliográfica e como ela impacta na disseminação e na proteção de acervos. Apresentamos também o relato de experiência de um estágio em um acervo de história antropológica. E por fim, a participação da UFPel como anfitriã do XXII SulPET, que ocorreu no campus do Capão do Leão. Nesse sentido, parabenizamos a todos que fizeram acontecer esse evento.

Encerrando minhas considerações, gostaria de agradecer a egressa do PET-CR Bárbara Moraes, pela ajuda e dicas, e em nome de todo o grupo PET, esperamos que o presente volume te inspire, te motive, desperte novas ideias e reflexões!

Muito obrigada e desejamos uma ótima leitura!

ANA CAROLINA FERNANDES.

AS CARTAS PATRIMONIAIS

e os 25 anos da Conferência de Nara

Por BRUNA GENTIL

A partir do início do século XX, diversos acontecimentos mundiais motivaram discussões voltadas à preservação de monumentos históricos, como a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. As cidades ficaram devastadas e diversos locais precisaram ser reconstruídos. Com isso, instituições internacionais foram sendo criadas com o intuito de reunir o maior número de países membros em torno de causas comuns: ONU (Organização das Nações Unidas), UNESCO (Conselho Internacional de Museus), ICCROM (Centro Internacional para o Estudo da Preservação e Restauração de Bens Culturais), e o ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios).

Com a criação dessas instituições, foram promovidos eventos e conferências em que questões ligadas à preservação foram debatidas. Nesse contexto surgem as Cartas Patrimoniais, que são documentos norteadores, que visam recomendar e orientar os profissionais de diversas áreas, incluindo a Conservação e Restauração, nos assuntos relacionados ao Patrimônio Cultural. Essas cartas têm caráter indicativo, e em alguns casos prescritivos.

Entre as primeiras cartas patrimoniais está a Carta de Atenas (1931), elaborada a partir do I Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos em Monumentos Históricos. Por meio desta, foram elaborados os princípios norteadores relacionados à conservação. É bastante voltada ao patrimônio edificado, já que foi produzida com o enfoque da arquitetura, mas direcionada à preservação e restauro do patrimônio.

Com o passar do tempo, outras conferências ocorreram e mais recomendações foram desenvolvidas. No ano de 1994, ocorreu na cidade de Nara, no Japão, a Conferência sobre autenticidade em relação à convenção do Patrimônio Mundial. Nesse contexto, foi realizada uma discussão sobre o conceito e os atributos a partir dos quais a autenticidade se manifesta. Antes da Conferência de Nara, a questão sobre a autenticidade já havia sido levantada na Carta de Veneza (1964).

O motivo pelo qual foi realizada a conferência diz respeito à maneira específica, pelo qual alguns dos monumentos japoneses são conservados, por meio da reposição, a cada 20 anos, de peças danificadas e reproduzindo fielmente a mesma forma e estilo originais, mantendo assim um costume

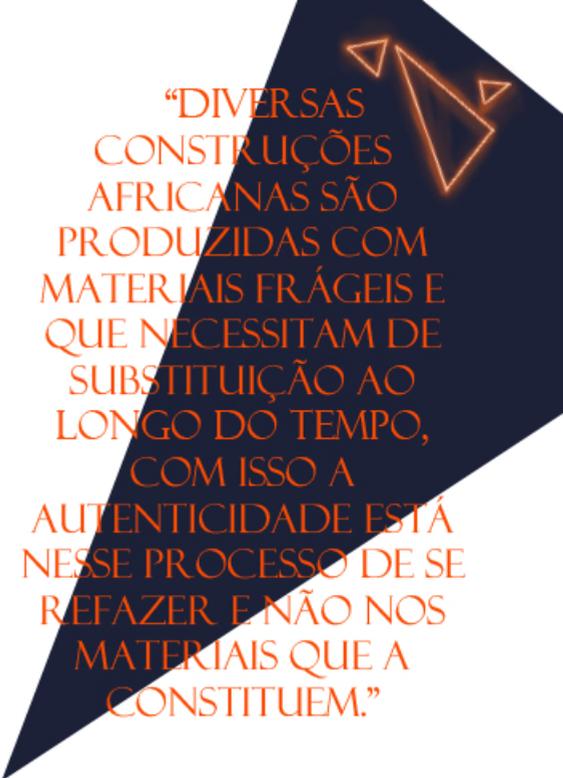
religioso ancestral asiático. Essa forma de se conservar divergia da visão ocidental da UNESCO, fundamentada na autenticidade material dos bens culturais em detrimento da autenticidade das técnicas e dos processos criativos. Por causa disso, muitas candidaturas de monumentos japoneses ao título de patrimônio dificilmente conseguiam aprovação.

Apesar de o exemplo japonês ter sido o principal motivo das discussões, outros exemplos foram citados para endossar a questão. Diversas construções africanas são produzidas com matérias frágeis e que necessitam de substituição ao longo do tempo, com isso a autenticidade está nesse processo de se refazer e não nos materiais que a constituem. Já as cidades do leste europeu, como Varsóvia, foram destruídas na Segunda Grande Guerra e com isso, diversas construções foram refeitas, respeitando a maior fidelidade possível com os originais. Nesse sentido, a autenticidade está no sentimento ali guardado e não nas “paredes” originais.

Assim, com a conferência foi elaborado um documento que norteava e definia balizas em torno do conceito de autenticidade que até hoje são utilizados. A autenticidade é essencial para fundamentar os estudos científicos na área do patrimônio e nos planos de conservação e restauração de bens culturais.

Com as questões apresentadas na conferência, pode-se perceber que a autenticidade deve ser analisada respeitando o contexto cultural de cada bem, os métodos construtivos e os materiais associados à produção do bem. Ao Guia Operacional da UNESCO (1978) foram incluídos os pontos levantados para verificação da autenticidade, como uso, função, espírito e sentimento, dentre outros fatores.

O aporte gerado pela Carta de Nara foi essencial para que se pensasse e pudesse integrar aspectos intangíveis do patrimônio e expandir a abordagem considerada ocidentalizada da UNESCO. Com isso, em alguns países foram elaboradas cartas patrimoniais que



“DIVERSAS
CONSTRUÇÕES
AFRICANAS SÃO
PRODUZIDAS COM
MATERIAIS FRÁGEIS E
QUE NECESSITAM DE
SUBSTITUIÇÃO AO
LONGO DO TEMPO,
COM ISSO A
AUTENTICIDADE ESTÁ
NESSE PROCESSO DE SE
REFAZER E NÃO NOS
MATERIAIS QUE A
CONSTITUEM.”

abordaram a questão da autenticidade levando em consideração o aspecto cultural de cada localidade.

No Brasil, temos o exemplo da Carta de Brasília (1995) trás questões como a autenticidade e identidade, contexto, materialidade, mensagem, gradação da autenticidade e conservação. A carta nos mostra que é importante ter conhecimento sobre as tradições das culturas locais, antes que qualquer intervenção seja realizada. Nenhuma temática nova é levantada, mas é interessante observar a preocupação com a temática proposta pela convenção realizada no ano anterior.

Podemos concluir que a partir das cartas patrimoniais, importantes discussões puderam ser abordadas, melhorando o entendimento acerca da área de Conservação e Restauração de Bens Culturais. Mesmo com todo avanço ainda existem questões a serem aprofundadas no que diz respeito à autenticidade, pois é um assunto em constante atualização e com frequência abordado nos dias atuais.

Por ANA CAROLINA
FERNANDES

DIGITALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Do final do século XX para o início do século XXI houve uma grande revolução na área de comunicação e transmissão de conhecimento, conhecemos esta revolução por era digital. A transmissão de informações sempre foi uma pauta no cotidiano das pessoas. Mesmo o homem pré-histórico já tentava repassar suas vivências através de desenhos nas paredes das cavernas (desenhos rupestres). Ao longo do tempo o homem procurou outras formas de repassar conhecimento, os egípcios inventaram o papiro, os chineses inventaram o papel, descoberto e aprimorado depois pelos europeus, que com isso conseguiram repassar conhecimento em larga escala a partir de 1425. O papel reinou por muito tempo como o principal meio de disseminação de conhecimento e este enfrenta agora um possível substituto, as mídias digitais. No início estas mídias eram utilizadas por poucos, no entanto, a disseminação mundial de plataformas e o acesso facilitado por novas tecnologias e nichos de mercado estão contribuindo com o aumento dos usuários no mundo inteiro.

O campo digital promove o acesso a todo tipo de informação, das mais variadas fontes e procedências. O usuário deve ter em mente que necessitará da utilização de filtros de interesse para chegar a uma resposta específica a sua procura. Há alguns anos, procurar por textos para pesquisa era uma tarefa para alguns dias de trabalho, hoje, pode-se procurar e

alcançar o dobro dos resultados nas plataformas digitais, além é claro, das indicações de textos semelhantes por recomendação do próprio programa.

Embora a era digital nos proporcione facilidade de busca, é necessário cautela, em um mundo cada vez mais conectado, a reprodução de discursos semelhantes (possíveis plágios) e falsas citações estão se tornando cada vez mais comuns na realidade atual. Sem contar que muitos materiais disseminados nas redes, também não recebem o direito autoral do seu criador. Assim como citado pela (Funart, 2013) a prática de disseminação de bibliografias digitais é ilegal mesmo para a preservação das bibliografias, sem a autorização do autor do texto.

Então, nos perguntamos até onde seria o limite da digitalização sem que se infrinjam os direitos dos autores? Essa pergunta traz respostas com algum teor de complexidade, já que temos demandado cada vez mais textos digitais, algumas editoras já disponibilizam suas próprias plataformas de pesquisa, onde o indivíduo pode comprar o material.

Outra forma de produção digital são também aplicativos de smartphones, que têm por resultado a digitalização de documentos, através de seu escaneamento e produção de um documento compactado em pasta (pdf).

Em alguns locais pontuais, já se utiliza a digitalização como aliada ao combate da dissociação, algumas bibliotecas já utilizam a digitalização para

bibliotecas já utilizam a digitalização para a salvaguarda das informações de jornais e de obras raras.

A digitalização das informações traz benefícios a curto ou médio prazo, pois a sua utilização sofre um grande risco à frente: perda de informação, por suportes digitais ultrapassados. Este é um problema atual que poderá influenciar futuramente os arquivos elaborados agora, tendo em vista que os primeiros suportes digitais já não são mais utilizados e as informações que não forem convertidas aos suportes mais recentes, também serão perdidas.

Um dos maiores desafios para a conservação e restauro será a dificuldade de conservar estas informações em um meio tão solúvel. A dissociação de conhecimentos será comum, se não atualizarmos sempre estes arquivos aos novos suportes que substituirão os atuais.

Referências:

Funarte.portal. DIGITALIZAÇÃO DE ACERVOS. Funart.2013. Disponível em: <http://portais.funarte.gov.br/brasilememoriadasartes/acer/vo/o-projeto/digitalizacao-de-acervos/>. Acesso em: 04 setembro de 2019.



“ENTÃO, NOS PERGUNTAMOS ATÉ ONDE
PODEMOS PESQUISAR SEM INFRINGIR OS
DIREITOS DOS AUTORES SOBRE SEUS
MATERIAIS PRODUZIDOS?”



Por CAROLINE MEGIER MELLER

MUSEU ANTROPOLÓGICO

DIRETOR

PESTANA

Como parte da formação acadêmica do curso de Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis é possível cursar a partir do 5º semestre o estágio curricular obrigatório, o qual pode ser realizado na própria UFPel, seja nos laboratórios do curso ou nos museus mantidos pela UFPel. Se preferir, o aluno pode ainda realizar o estágio em outras instituições, seja em Pelotas ou não, desde que as funções a serem realizadas pelos estagiários sejam relacionadas àquelas de um conservador-restaurador.

Dessa forma, procurando vivenciar o dia-a-dia de uma instituição museológica e também ter um contato mais direto com o acervo de minha cidade natal, optei por efetuar este estágio no Museu Antropológico Diretor Pestana.

Na região noroeste do Rio Grande do Sul, na cidade de Ijuí, fundou-se em 25 de maio de 1961 o Museu Antropológico Diretor Pestana, mantido pela Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (FIDENE). Criado junto ao Centro de Estudos e Pesquisas Sociais da Faculdade de Filosofia e Letras de Ijuí (FAFI) tem por objetivo resgatar e preservar a memória regional, promover a cultura, a educação e o lazer. E, segundo seus fundadores, este deveria constituir-se em “síntese da evolução da região pela mão do nosso homem...”.

Nesse sentido, o museu tem como missão oportunizar conhecimento e reflexão por meio da pesquisa, comunicação, difusão e preservação do acervo, contribuindo no processo educacional, identitário e cultural, visando o desenvolvimento do Noroeste do Rio Grande do Sul. Além disso, como visão, pretende ser referência museológica e arquivística para os museus no Estado do Rio Grande do Sul.

Pensando nisso, o museu preserva tanto documentos textuais/bibliográficos e iconográficos como museais, também disponibilizando o acervo a pesquisadores, tanto in loco como através do sistema informatizado de código aberto AcesstoMemory (AtoM). Inicialmente instalado em prédio alugado, atualmente possui sede própria, a qual abriga mais de 29 mil peças museais, possibilitando o acesso às mesmas através de exposições permanente e temporárias, além de atividades educativo-culturais.

O acervo do museu encontra-se ordenado nas divisões de Museologia, Documentação e Imagem e Som.

Divisão de Museologia: é responsável pela manutenção da exposição de longa duração, além de realizar a pesquisa, elaboração e montagem de exposições temporárias. Possui, atualmente, cerca de 30.000 peças divididas em quatro seções: Antropologia, Arqueologia, Numismática e Filatelia e Artes Visuais.

- Seção Arqueologia: conta com material referente ao índio Pré-Missioneiro, proveniente de pesquisas arqueológicas na região (1967-1973) e também de coletas avulsas. Segundo inventário, conta com 24.217 peças.

- Seção Antropologia: subdivide-se em três grupos: Índio, Missões e Povoamento. Possui materiais referentes aos índios, desde o período missioneiro até os dias atuais, à colonização, imigração, grupos étnicos, história, religião e cultura regional, além de telas, quadros, instalações, esculturas, entre outros.

- Seção Numismática e Filatelia: composta por moedas, cédulas, medalhas e selos cunhados no Brasil ou provenientes de outros países.

Divisão de Documentação: abriga documentação de natureza pública e privada relacionada ao município de Ijuí e da região noroeste do Rio Grande do Sul. É complementada pela hemeroteca, constituída por 40 títulos, relacionados à cidade de Ijuí, Estado do Rio Grande do Sul e Brasil, sendo que as coleções dos jornais Correio Serrano (1917-1988) e Die Serra Post (1919-1984) foram microfilmadas e digitalizadas, totalizando 102 mil páginas. Esta divisão está classificada nos seguintes arquivos: Ijuí, Regional, Sindicalismo, Cooperativismo, Kaingang, Guarani e Xetá e FIDENE, totalizando 975,41 metros lineares de documentos.

Imagem e som: acervo composto pelos arquivos FIDENE, Ijuí, Cooperativismo, Sindicalismo, Regional, Indígena, Coleção Família Beck, Coleção Eduardo Jaunsem, Coleção Jornal da Manhã, Coleção Ildo Weich.

- FIDENE: reúne suportes audiovisuais, iconográficos e sonoros, representando a história institucional desde 1957. Possui mais de 41.000 documentos, incluindo fotografias analógicas e digitais tanto coloridas como monocromáticas.

- Ijuí: possui 5.000 documentos iconográficos em cores e monocromáticos desde o início do século XX, rolos de filmes

e fitas magnéticas com entrevistas, discoteca com aproximadamente 3.000 discos de vinil e partituras.

- Cooperativismo: 40 fotografias referentes à cooperativa COTRIJUI do período entre 1950 e 1970.
- Sindicalismo: 207 fotografias em papell, que abrangem período entre décadas de 1920 e 1980.
- Regional: 1570 fotografias.
- Indígena: aproximadamente 200 fotografias.
- Coleção Família Beck: produzida inicialmente por Carlos Germano Beck, imigrante alemão. Possui mais de 7.500 imagens.
- Coleção Eduardo Jaunsem: acervo fotográfico produzido pelo próprio agricultor, imigrante de origem letã, chegando a 5.500 imagens.
- Coleção Jornal da Manhã: possui mais de 100.000 imagens, tanto coloridas quanto monocromáticas, em negativos flexíveis e positivos em papel.
- Coleção Ildo Weich: acervo fotográfico composto por positivos em papel e negativos flexíveis.

Dessa forma, atendendo a demandas específicas da instituição, trabalhei com o grupo Povoamento da seção Antropologia, a qual se encontra dentro da Divisão de Museologia. Neste contexto, pude estar em contato com objetos de diversas tipologias, como madeira, metal, couro, plástico e vidro, realizando o trabalho de conservação do acervo através da higienização das peças.

A grande maioria dos objetos era proveniente de diversos grupos étnicos que colonizaram a cidade e região, entre eles: alemães, austríacos, letos, portugueses, italianos. As peças iam desde latas de chá, raladores, moedores e espremedores até porta-joias de prata ricamente trabalhados, com motivos florais e campestres em seu exterior e, no interior, forrados de veludo.

Além disso, como o museu trabalha com o sistema de doações, pude acompanhar o processo do início e observar seus diversos níveis: desde o

momento em que se adquirem as peças, onde há uma conversa/entrevista com o proprietário a respeito das mesmas, ponderando acerca de seu estado de conservação e se é ou não possível adquirir todas as peças, até quando da sua catalogação, higienização e acondicionamento.

Dessa forma, consegui aplicar conhecimentos adquiridos nas disciplinas do curso de Conservação e Restauração, como as fichas catalográficas, mapas de danos, princípios químicos, físicos e biológicos (como a identificação de pragas, por exemplo) e métodos de acondicionamento.

Nesse sentido, houve uma troca muito interessante com os demais profissionais do museu, como o museólogo, arquivistas e historiadores; esclarecendo suas dúvidas sobre a conservação dos mais diversos objetos, sejam eles em papel ou mesmo instrumentos musicais. Além disso, pude também observar a montagem de uma exposição temporária (acerca de lendas e folclores) e como ocorre o processo de construção prática e criativa.

Por fim, através deste estágio, tive a vivência prática de uma instituição museológica em todos os níveis, desde o contato com o público, passando pelo contato com os demais profissionais da área até, de fato, os processos e etapas que envolvem a preservação dos bens culturais.

Para mais informações acesse: <http://www.unijui.edu.br/museu>

XXII SULPET

Encontro dos PETs da Região Sul

O SULPET se trata de um evento anual e regional dos Grupos PET do SUL do país, Paraná, Santa Catarina e claro, Rio Grande do Sul, este ano foi sediado em Pelotas pelo PET UFPel em maio de 2019.

O evento acontece anualmente desde 1998, e está em sua 22 edição, visa como objetivo que diferentes Instituições de Ensino Superior que possuem o programa se reúnam e discutam de forma interdisciplinar sobre educação, o que cada um dos PETs vem desenvolvendo ao longo do ano e ainda delibera questões administrativas inerentes ao programa que são encaminhadas para o Encontro Nacional de PETs - ENAPET.

O tema escolhido no último evento, XXII SULPET, foi “Ser PETiano: Formação, Resistência e Transformação” e ocorreu no campus Capão do Leão, a alimentação de todos os participantes foi fornecida através do RU. O alojamento foi realizado nas salas do Capão com aproximadamente 25 alunos por sala, essas podendo ou não ser mistas.

O primeiro dia do evento se tratou da chegada dos PETs seu credenciamento, acomodação nos alojamentos, após isso foi realizada a abertura do evento com falas da Comissão Organizadora e Reitoria em uma palestra de apresentação com atrações culturais e um coquetel.

Outros dias do evento contaram também com oficinas e minicursos com vagas limitadas e uma palestra para os alunos que não conseguiram vaga em nem um desses; “encontro por atividades”, um

espaço destinado a trocar relatos de experiência entre os grupos e seus projetos; “Mobiliza PET” uma ação mais política se tratando de um movimento apartidário, que visa lutar pela permanência e manutenção do Programa de Educação Tutorial junto aos órgãos competentes, relatando a como anda a representação do Sul no contexto nacional, trazer relatos e mostrar um pouco da trajetória do programa e do movimento; pela primeira vez “GDT e pré GDT”, um espaço mais informal para “Grupo de Discussão e Trabalho” foi disponibilizado; “Mesa de Egressos” um espaço tradicional que promove um momento de conversa entre os petianos atuais e petianos antigos, onde falamos sobre a contribuição do PET na formação e na colocação profissional e acadêmica; a assembleia um dos momentos principais do evento, onde ocorre a votação dos encaminhamentos oriundos dos GDTs, leitura de cartas e moções, votação da sede dos próximos eventos, repasses da Diretoria e Conselho da CENAPET.

O evento contou também com uma feira gastronômica e de artesanato onde os visitantes tinham acesso a stands de gastronomia e artesanato realizados pelos alunos e comunidade local. E claro, a festa de confraternização organizada pelos alunos do PET UFPel que foi realizada em uma casa noturna da cidade de Pelotas.

Manual de Orientações Básicas e demais divulgações disponíveis em: <https://wp.ufpel.edu.br/sulpet/>